

## O DÉFICIT DE ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL: IMPACTOS QUE RECAEM SOBRE A ATUAÇÃO DO PROFESSOR NO ENSINO FUNDAMENTAL II

**Autores:** ANNA BEATRIZ MORMETTO ALVARENGA, ALBA VALÉRIA NIZA SILVA, VONAIDE FONSECA SILVA, HUGO SIMÃO FRANÇA DA COSTA, JANETE SOARES DE OLIVEIRA GOMES

### Introdução

O presente resumo busca analisar a realidade da alfabetização no Brasil, a partir da vivência dos acadêmicos de licenciatura do curso de Letras Português da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), que atuam junto ao PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – na Escola Estadual Felício Pereira de Araújo - Montes Claros - Minas Gerais. Mostrou-se crescente o número de alunos que chegam ao Ensino Fundamental II sem serem devidamente alfabetizados, ocasionando impactos no professor que, em sua graduação, não foi auxiliado para lidar com esse progressivo déficit de alfabetização. Através de pesquisas e leituras acerca do tema, junto de trabalhos publicados pelo CEALE (Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita), e de autores como Magda Soares, que aborda o problema que circunda a alfabetização no Brasil, fez-se possível compreender e analisar a dimensão da problemática, e, ainda, como essa carência na alfabetização afeta a realidade social do aluno, bem como a de todos que estão em contato com ele. Os números alarmantes mostram que é necessária a busca de caminhos para a plena alfabetização e letramento dos alunos, e, juntamente, um maior amparo das práticas governamentais, para que o trabalho desenvolvido atenda, como pede a garantia de todos, à necessidade de se ter uma real educação universal e acolhedora.

### Material e métodos

O trabalho elaborado junto à Escola Estadual Felício Pereira de Araújo foi iniciado assim que se revelou a demanda crescente de alunos que chegavam do Fundamental I sem saber ler ou escrever, o que fez com que se colocasse em prática, no turno vespertino, a alfabetização desses alunos. Os estudantes abordados na perspectiva desta pesquisa foram selecionados através de uma avaliação feita pela própria escola no início do período letivo. Essa verificação foi julgada necessária pelo aumento do número de crianças que chegavam apresentando um déficit na alfabetização, já que apenas no início de 2017 a escola recebeu 70 novos alunos no sexto ano, e apurou o total de 25 crianças com sérios problemas na leitura e na escrita, além de estabelecer uma ficha contendo todos os dados de cada aluno, tal como a frequência das intervenções realizadas pelos pibidianos, e anotações gerais acerca da evolução individual para melhorar o acompanhamento.

A fim de demonstrar a situação em que se encontravam, a evolução percebida pelo projeto, e caracterizar esse fenômeno recorrente em território nacional, foram selecionados três dentre os 25 alunos. No primeiro caso, a criança, de 11 anos, chegou até a instituição sem reconhecer letras ou números, sabendo apenas escrever seu nome por ser “copista”, ou seja, por transcrever exatamente aquilo que vê, mesmo que não entenda o que está escrito, como demonstrado na Figura. 1A. Ao longo de cinco meses de auxílio junto dos pibidianos, foi possível perceber que esse aluno, assim como os outros dois, era possuidor de uma grande inquietude na sala de aula em decorrência da vergonha de não acompanhar o que se passava nesse ambiente. Por meio de atividades que visavam apresentar o alfabeto, sem fazer com que fosse copiado o que estava escrito, mas compreendida a relação entre a grafia e a parte fônica, mostrou-se despertado o interesse e maior aprendizado do aluno. Após os cinco meses, pôde ser vista uma melhora extremamente significativa nas leituras de sílabas, e no reconhecimento do alfabeto, como apresentado na Fig. 1B. Nos acompanhamentos atuais o aluno é capaz de identificar sílabas diferentes, mesmo que com dificuldade em algumas, bem como fazer a leitura de palavras que antes não se mostrava possível, tendo uma melhora significativa não só nesse aspecto, mas também em relações sociais, já que, quando não se via capaz de interagir em um ambiente de aprendizado, a criança mostrava-se inquieta e atrapalhava o decorrer do conteúdo.

Os outros dois alunos chegaram à escola apresentando a mesma deficiência na leitura e na escrita, possuindo um comportamento igualmente agitado em sala de aula. Foram praticadas, concomitantemente, atividades para auxiliar ambos na aprendizagem do alfabeto e na formação de sílabas, correspondendo, respectivamente, às Figuras. 2A e 2B. A evolução dos dois alunos mostrou-se um pouco mais lenta, mas tão significativa quanto, como exemplificado pelas Figuras. 3A e 3B. Usamos como método para engajá-los na aprendizagem, a apresentação do alfabeto, assim como atividades que unissem a palavra ao seu significado, já que essa junção se mostrava como obstáculo para eles. Os trabalhos desenvolvidos hoje apontam um progresso na leitura e na escrita de determinadas palavras que se apresentam mais simples para eles, como: bola, bala, bela e bolo.



Os três alunos são chamados na segunda-feira e na terça-feira para esse acompanhamento, tendo, inclusive, reforços com a bibliotecária. As atividades aplicadas são tiradas de livros didáticos voltados para a alfabetização e selecionados pela própria escola, e são escolhidas em conformidade com o nível em que está cada criança, respeitando as limitações de cada um. Esses alunos são atendidos de forma individual, cada um com um acadêmico, já que o contato com outras crianças faz com que se sintam envergonhados e bloqueados na hora de aprender.

Dessa maneira, pode-se perceber que ainda que tenham chegado e apresentado grande déficit na alfabetização, que não foi concluída no Fundamental I, os alunos, após cinco meses de intenso trabalho acerca da leitura e da escrita, mostram-se aptos, progressivamente, a entrar na realidade social a qual jamais deveriam ter sido afastados. Já os dados obtidos através da ficha feita pela escola com os 25 alunos, Figura. 4, apenas delinea quão falho está sendo o processo de alfabetização para alguns, e, ainda, reitera a preocupação que se deve ter com o futuro da aprendizagem e a possibilidade de inclusão de todos num contexto cada vez mais ligado e dependente dessa alfabetização.

## Resultados e discussão

A alfabetização sempre foi tema de grandes embates no Brasil, visto que números alarmantes surgem todos os anos em decorrência da enorme evasão da escola, analfabetismo, aprovação automática, ou falta de apoio do Governo junto das instituições. A pesquisa feita com os alunos da Escola Estadual Felício Pereira de Araújo verifica a triste realidade de não alfabetização dos alunos, que passam de ciclos sem serem retidos e acabam tendo que ser auxiliados por profissionais do Fundamental II que, muitas vezes, não possuem formação para atuar na área requerida com a devida maestria. O ato de alfabetizar é pontuado por Soares (1999, p. 16) como sendo o ensino da leitura – e da escrita –, e desse modo, o alfabetizado seria aquele que aprendeu a ler e a escrever. A medição feita pelo país para certificar o número de brasileiros analfabetos, mostra-se preocupada apenas com uma concepção básica de saber escrever o nome e um bilhete cotidiano, destacando-se o fato de faltar no país a preocupação com o letramento de seus habitantes, que é uma ferramenta extremamente preciosa na realidade social daqueles que a detém.

O aluno que apresenta esse déficit em sua alfabetização possui claras consequências comportamentais, e a preocupação em relação a ele deve ser baseada, principalmente, em sua realidade social, já que a não detenção dessa ferramenta faz com que o aluno se sinta excluído de um cotidiano cada vez mais imerso na escrita. Já o professor, diretamente afetado por essa problemática, vê-se diante de uma questão surpreendentemente crítica, uma vez que sua formação não o preparou para enfrentar a difícil tarefa de alfabetizar um aluno, e ainda, lidar com quase 40 outros já alfabetizados. Os professores relatam a dificuldade em auxiliar esse aluno de maneira individual, já que o trabalho que deveria ser feito junto dele foge de suas responsabilidades enquanto profissional do Fundamental II.

O acompanhamento feito junto da escola pôde demonstrar que programas como o PIBID são essenciais quando usados como ferramentas para questões relacionadas a esse déficit de alfabetização, em razão de fornecerem aparato para esses casos tão complicados, que alteram toda a realidade da comunidade escolar, e, ainda, prepararem o aluno de licenciatura para esse novo cotidiano vivido por profissionais da educação no país.

## Considerações Finais

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou a delimitação de um problema que vem crescendo intensamente no ambiente escolar. Os alunos que sofrem desse déficit de alfabetização, por vários motivos apontados aqui, mesmo que consigam ser alfabetizados no Ensino Fundamental II, sofrem as consequências de não terem sido inseridos no momento correto no ambiente escolar. Devem ser movidas mais estratégias, assim como as do PIBID, a fim de sanar esse tipo de situação, além de um maior cuidado do Governo com a escola e com o nível dos alunos que finalizam cada ciclo. O cuidado com o letramento e alfabetização da população é extremamente significativo na evolução do país e da realidade social dos indivíduos. As áreas afetadas por essas questões têm de se movimentar para que mais estudos sejam apurados e cada vez mais a consciência acerca da mudança devida seja despertada. O aluno e o professor devem estar em evidência na construção de uma educação que vá ao encontro do letramento da maioria da população.

## Agradecimentos

À Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), ao PIBID, e à Unimontes por todo apoio prestado na realização deste trabalho. E, ainda, agradecemos à Professora Rita Tavares de Mello, que doou seu tempo e conhecimento para o aprimoramento das bases consultadas para que fosse desenvolvido esse trabalho. A nossa coordenadora Alba Valéria Niza Silva, somos muito gratos pelos ensinamentos e pelo acompanhamento assíduo no cotidiano de pesquisa acerca desse tema, bem como, às supervisoras Janete Soares de Oliveira Gomes e Vonaide Fonseca Silva, e à Emanuely de Jesus Moreira, pela ajuda no projeto e na solidificação do tema pensado e desenvolvido ao longo desse ano.



## Referências bibliográficas

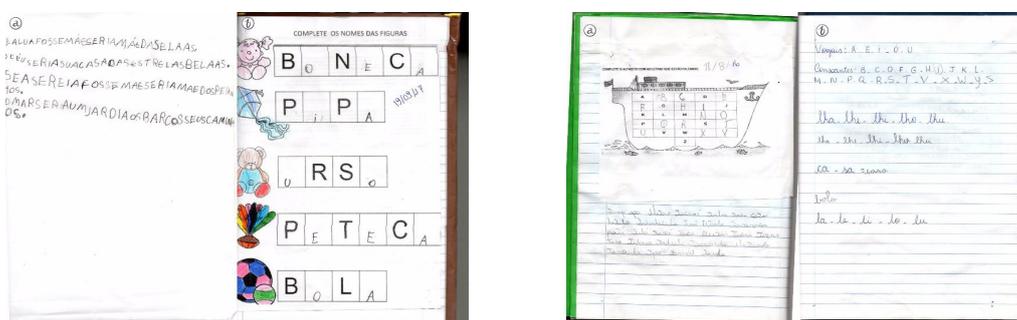
MORTATTI, Maria do Rosário L. Letrar é preciso, alfabetizar não basta... mais? In: SCHOLZE, Lia; ROSLING, Tânia M. K. (Orgs.). **Teorias e práticas de letramento**. Brasília: INEP; Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2007. p. 155-168.

OLIVEIRA, João Batista Araújo e. Alfabetização no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n. 100, p. 21-32, dez./fev. 2013/2014.

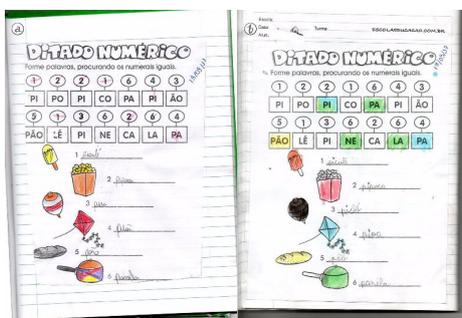
SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. São Paulo: Autêntica 1999.

\_\_\_\_\_. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, Belo Horizonte, n. 25, p. 5-17, jan./abr. 2004.

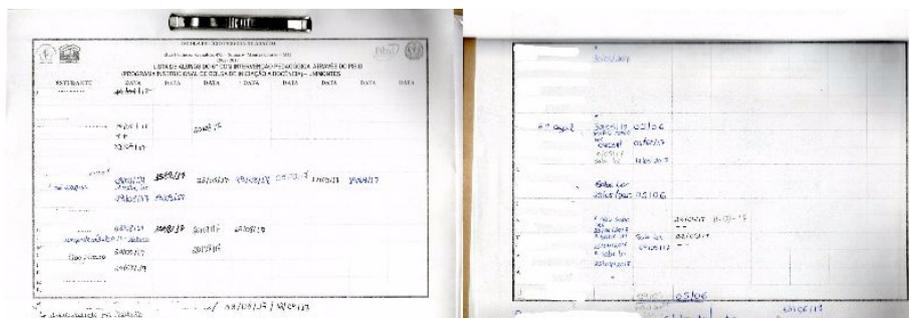
\_\_\_\_\_. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 17 ed. São Paulo: Editora Ática, 2002, 95 p.



**Fig. 1A:** Atividade do aluno em que é possível observar a cópia que ele fez do texto, sem que soubesse o que estava escrevendo de fato. **Fig. 1B:** Evolução do primeiro aluno, que consegue, depois dos acompanhamentos, escrever, ler e distinguir as palavras. **Figs. 2A e 2B:** Atividades voltadas para apresentação do alfabeto.



**Figs. 3A e 3B:** Evolução dos alunos, que após acompanhamentos conseguem escrever e ler com mais facilidade.



**Figura 4:** Ficha elaborada pela escola contendo todos os alunos que chegaram ao Ensino Fundamental II sem que estivessem devidamente alfabetizados.